



MANIFESTOS EM MONTAGEM DISCURSIVA: UMA LEITURA SOBRE CORPOS POLÍTICOS

Mônica Restelatto¹

Esta escrita é um pequeno recorte do que venho trabalhando com mais detalhamento na minha tese. Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise através de uma montagem discursiva de quatro manifestos: três manifestos-performances e um manifesto escrito, todos eles, produzidos por três Pessoas com Deficiência, sendo uma delas, eu mesma. Os manifestos estão disponíveis em texto ou em vídeo e foram disponibilizados entre 2018 e 2023. Os vídeos das performances estão disponíveis no YouTube e são recortados a partir de suas audiodescrições.

O conceito de montagem discursiva foi retomado de Pêcheux ([1983] 2008) por Jung de Campos (2024), nessa apropriação, a autora salienta a especificidade dessa montagem que funciona como uma estrutura precária para cercar o objeto e observar o fato histórico, o sintoma e o desejo, que o sujeito do inconsciente interpelado ideologicamente busca interrogar. Como expõe Pêcheux ([1983] 2008), a Análise do Discurso supõe que [...] “através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição” (Pêcheux, [1983] 2008, p. 57).

Os manifestos, nesta pesquisa, são materialidades nas quais eu tomo posição: 1) Manifesto performance Carta aos Bípedes (2021), de Carlos Eduardo Oliveira do Carmo. A Carta é escrita e lida por Edu O. (nome artístico) sobre as opressões sofridas por pessoas com deficiência pelo que ele chama de Bipedia Compulsória²; 2) Manifesto!!! *Tease*, performance de Estela Lapponi (2023). A artista hemiplégica se contorce para se desvencilhar de uma teia de fitas escrito “frágil”. Possível representação de onde a Pessoa Com Deficiência é colocada, dificultando seu acesso ao ambiente social. 3) Pequenos Atos para sobrevivência - Manifesto do Invisível (2018), também de Estela Lapponi. Em uma performance de três atos. No ato abordado aqui, a artista se movimenta tentando entrar em uma caixa. Materializa a invisibilização da Pessoa e Artista com deficiência; 4) Manifesto da escrita impossível (Restelatto, 2019), escrito por mim, introduzindo minha dissertação de mestrado e sendo parte do livro *Em possíveis (des)rotas* (Restelatto, 2021). Esse manifesto demanda outra forma de produzir conhecimento acadêmico que não negue a singularidade do sujeito-autor com deficiência.

Para Santos (2009, p. 62), “os manifestos expressam as tensões ideológicas e as relações polêmicas da sociedade, funcionando como uma ‘arma ideológica’, um ‘gênero de combate’, através do qual um grupo expõe suas ideias”. Com este gênero textual o(s) autor(es) pretende(m) persuadir o interlocutor

¹ Psicóloga, mestra em Turismo e Hospitalidade (UCS), doutoranda em Letras (UFRGS).

² Carmo (2023), autor da Carta aos bípedes, em sua tese, cunha o conceito Bipedia Compulsória, que diz respeito a articulação do capacitismo e da normatividade corporal compulsória em uma lógica estrutural que delimita quem é capaz ou incapaz de dançar.



de forma argumentativa. A produção de um manifesto, já se configura como ato de resistência e de subversão ao que é posto pela Ideologia dominante.

Os manifestos produzidos pelos *def*³ tem proximidade temporal, período marcado globalmente pela pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia. No Brasil, houve o governo Bolsonaro, seu desastroso recorde de mortes registradas em 24 horas e o avanço de pautas de extrema direita. Faço um jogo de aproximação dos quatro manifestos em uma montagem discursiva, trazendo reverberações de outros manifestos produzidos ao longo da história sobre distintas denúncias da realidade social. São eles: o Manifesto do Partido Comunista (Marx; Engels, [1848] 2008); o Manifesto da Poesia Pau-Brasil (Andrade, [1970] 1924); e o Manifesto Antropológico (Andrade, 1928). Como expõe Pêcheux ([1983] 2008, p. 23), a montagem discursiva é “[...] uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável”. Abaixo trago encontros discursivos inusitados em uma breve montagem levada ao “pé-da-letra”.

O pensamento bípede está em todo canto, domina todos os espaços e nos invisibiliza, nos recusa (Carta [...], 2021, 4 min. 34 s).

As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante (Marx; Engels, [1848] 2008, p. 42).

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido (Andrade, 1928, p. 3).

É imprescindível tomar o conceito de memória discursiva. Além de dar acesso aos sentidos, a memória discursiva designa o movimento pelo qual todo dizer se ancora em formulações anteriores que circulam no interdiscurso, ainda que tomadas pelo sujeito como próprias devido ao processo de esquecimento. Assim, a memória discursiva funciona num movimento contínuo entre o interdiscurso e o intradiscurso — entre a repetição e a atualização do dizer (Pêcheux, [1975] 2009; Courtine, [1981] 2009; Ferreira, 2012).

A aproximação entre essa montagem pode ser construída a partir da ideia de que toda forma de organização social produz modos de ver, pensar e sentir que se impõem como universais, apagando outras experiências possíveis. Apesar de surgirem de contextos muito diferentes — uma crítica contemporânea ao “pensamento bípede”, a formulação marxiana sobre ideologia e a provocação modernista de Oswald de Andrade — todas compartilham um diagnóstico comum: há um regime dominante de sentido que naturaliza uma certa visão de mundo e invisibiliza outras. Mesmo assim, o que chama a atenção é que a repetição aqui, não é da ordem da memória da ideologia dominante, mas aquilo que faz memorar os processos de luta de classes, de colonizados versus colonizadores, até a bipedia compulsória versus outras formas de apresentação do corpo, enfim dizeres contra a estabilidade.

³ O termo *def*, formulado por Carolina Teixeira (2016), expressa uma postura política e insurgente de afirmação das pessoas com deficiência, tanto em sua cidadania quanto em suas potências artísticas, ao mesmo tempo em que rompe com expectativas sociais que desqualificam ou limitam suas capacidades.



Abissal! Como diz Boaventura de Souza Santos estabelecendo quem pertence e quem não pertence a um determinado lado da linha que vocês inventaram para criar hierarquias e espaços de poder, de quem está autorizado a falar e quem deve silenciar ao longo da vida, subjugado às suas ordens (Carta [...], 2021, 9 min. 36 s).

Entre fitas escrito frágil aparece uma criatura da cor preta se retorcendo presa na teia. [...] Finaliza com a criatura caída no chão (Manifesto [...], 2023).

Existe, desde sempre, uma tensão no processo de produção que é sempre atravessado por muitas pessoas anteriores (os teóricos) e pessoas atuais (colegas, professores, orientador). Todos os trabalhos lidam com essa relação. Entretanto, o meu caso deixa evidente a “ajuda” do outro (Restelatto, 2019, s. p.).

Neste encontro denuncia-se processos de produção de fronteiras, hierarquias e silenciamentos, ao mesmo tempo em que se evidencia a luta por fazer aparecer uma voz, um corpo e um sentido que foram historicamente capturados ou interditados. Sob perspectivas distintas — a crítica sociopolítica de Edu O., minha reflexão acadêmica sobre autoria, processo de escrita e apresentação de um trabalho e a potência imagética da obra de Lapponi — emerge um mesmo movimento em relação as demandas *def.* abrir brechas, romper a linha que separa os autorizados dos recusados a produzir ciência e/ou produzir arte.

A caixa⁴ traduz meu processo de produção de sentido mais do que qualquer escrita faria [...]. É isso que entrego a vocês: um trabalho que é obra, é franqueza, dor, amor, ódio, é resto (Restelatto, 2019, s. p.).

Entra na caixa; a caixa se movimenta; apenas a perna direita pra fora da caixa; as duas pernas pra fora da caixa; gira, senta, deita, contorce as pernas; na caixa lê-se Sony gradiente; com a cabeça dentro da caixa; com a cabeça fora da caixa; movimenta-se; deitada dentro da caixa, apenas as duas pernas pra fora bate o pé esquerdo no chão (Pequenos [...], 2018).

Encaixar-se no formato tradicional é muito difícil, é uma violência (Restelatto, 2019, s. p.).

Apenas brasileiros de nossa época. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos (Andrade, [1978] 1924, p. 10).

Embora venham de campos distintos — uma performance, uma escrita acadêmica e um manifesto modernista —, todas tratam de modos de ser que excedem os contornos impostos. E sobre a tensão entre caixas, moldes e formatos normativos e corpos que não cabem, não se ajustam, não se deixam reduzir. “E a Análise do Discurso, ao eleger a materialidade dos sentidos como objeto de investigação, vai ter por interesse especial por trabalhar nessa região onde o sentido encontra-se frequentemente em suspenso, a perigo, na fronteira entre o sentido e o não-sentido” (Ferreira, 1996, p. 49). Enquanto eu utilizo uma caixa para produzir uma forma de escrita fora dos padrões, Lapponi expõe em performance nossas duras e sofridas lutas, muitas vezes frustradas, para nos encaixarmos nas regras rígidas iguais “para todos”.

⁴ Como tetraplégica evidenciei a – na época - (im)possibilidade de escrita através de uma caixa contendo diversos objetos significativos, repletos de colagens com textos e imagens, que juntos continham a análise discursiva.



[...] eu percebo um vento que vem de longe para soprar - quem sabe – alguma mudança. Nós, pessoas com deficiência, estamos ocupando espaços, furando algumas bolhas. É da ordem do existir mudarmos quando entramos em contato com o outro, nos perturbamos com o desconhecido. [...] O encontro, o contato transformam (Carta [...], 2021, 11 min. 24 s).

Um espectro ronda a Europa: o espectro do comunismo (Marx; Engels, [1848] 2008, p. 9).

Corpos intrusos que instigam, incomodam, coçam o meio das costas, furando essas bolhas para afirmar o que somos e rejeitar padrões impostos. Jamais esquecer de que quando entramos nos espaços os transformamos. Experiência vivida não se apaga (Carta [...], 2021, 12 min. 07 s).

Admitir-se deficiente, enquanto sujeito incompleto, é sair do lugar de suposto saber, é compartilhar. Esse trabalho incomum não é só produto do acaso, da fatalidade, do equívoco. Ele é feito por vários braços. É (des)fazer-se, (re)fazer-se, (des)adaptar-se, (re)adaptar-se, (des)construir-se, (re)construir-se. É ADesloucar-se⁵ (Restelatto, 2019, s. p.).

Pelo futuro que já é agora, desejo que nós, pessoas com deficiência, ocupemos os espaços de visibilidade, decisão, de poder, porque somos multidão. Tentar quebrar as barreiras impostas pela normatividade deve ser o que nos faz mover e mostrar essa história ainda pouco contada e quase nada acessada por grande parte das pessoas. Para mim, isso é o que me faz existir nesse passado-presente-futuro aqui (Carta [...], 2021, 16 min. 37 s).

Proletários de todos os países, uni-vos! (Marx; Engels, [1848] 2008, p. 66).

Queremos a Revolução Caraíba (Andrade, 1928, p. 3).

Um mesmo gesto político: a irrupção de sujeitos historicamente silenciados que, ao ocupar espaços, produzem transformação coletiva, abrindo fissuras na ordem dominante. É uma dinâmica de aparecimento, uma política do movimento, do incômodo, da transformação mútua e da ação coletiva. Apesar das distâncias temporais e discursivas — Marx, Andrade, Lapponi, Edu O. e eu — todos demandando o mesmo princípio: a entrada de corpos antes invisibilizados reconfigura o mundo. Aguardaremos o momento que, de repetição em repetição, surja o acontecimento.

Na elaboração dessa escrita, atenho-me a descrever os “efeitos de identificação assumidas e não negadas” (Pêcheux, [1983] 2008, p. 57), pois “esse trabalho de elaboração da escrita do objeto de estudo é deliberado, mas não totalmente consciente, pois é atravessado por determinações inconscientes” (Jung de Campos, 2024, p. 230-231). Procuro nesta breve montagem discursiva de dizeres provenientes de sujeitos em que os corpos expõe a diferença, recorro a Leandro-Ferreira (2013, p. 77) no que tange às falhas do corpo que se apresentam como sintoma social.

Se os equívocos da língua irrompem no real da língua, e os equívocos historicizados se materializam na ideologia, podemos nos arriscar a dizer que o corpo seria o lugar de

⁵ Faço parte do Coletivo de pesquisa ADESLOUCAR-SE! com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso pecheutiana, tem como foco de pesquisa a relação entre sujeito, arte, trabalho e psicanálise.



simbolização onde se marcariam os sintomas sociais e culturais desses equívocos – tanto os da língua quanto os da história.

Corpos que falham, improdutivos, inúteis para o capital. Em contrapartida, corpos que produzem efeitos ao olhar do outro, sujeitos que dizem de si, expõe os furos da in(ex)clusão da contemporaneidade. No encontro de dizeres que se repetem nos manifestos se evidencia as tentativas de assujeitamento ideológico dirigida àquele que está fora da norma dominante.

De tal forma que, as expressões desenvolvidas na performance narrada (Carmo, 2021), encontra proximidade da escrita introdutória de um trabalho acadêmico (Restelatto, 2019) e ecoam também nas performances interpretadas sem palavras, que apelam para a expressão corporal (Lapponi, 2018, 2023). E ainda mais,

O vento que sopra, o espectro que ronda, os corpos que incomodam, o sujeito incompleto que se refaz, a multidão que se reconhece e a revolução que se anuncia — todos pertencem ao mesmo campo de força: a política da transformação produzida desde a margem. Arte e ciência em batimento demandam políticas contra a bipedia compulsória que só reconhece corpos de um certo ideal inalcançável produzido pela estrutura capitalista colonial bípede.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. *In*: ANDRADE, Oswald de. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios. **Obras completas** - v. 6. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1924] 1978.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. **Revista de Antropofagia**, São Paulo, ano 1, n. 1, maio 1928.
- CARTA AOS BÍPEDES, produção independente, **I Mostra Internacional de Economia Criativa**. [S. l.: s. n.]. 2021. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Geração Curto Circuito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZArAMOnqyM>. Acesso em: 14 mar. 2025.
- CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** modos de aleijar a dança como contra narrativa à bipedia compulsória. 2023. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Universidade do Estado da Bahia, Campus XIX, Camaçari, 2023.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos São Carlos: EDUFSCAR, [1981] 2009.
- FERREIRA, Maria Cristina L. O estatuto de equivocidade da língua. *In*: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo (org.). **Estudos da linguagem**. 1. ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. v. 10, p. 39-50.
- FERREIRA, Maria Cristina L. Memória discursiva em funcionamento. *In*: ROMÃO, Lucília; CORRÊA, Fernanda Silveira (org.). **Conceitos discursivos em rede**. São Carlos: Pedro & João, 2012. v. 1, p. 141-152.
- FERREIRA, Maria Cristina L. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- JUNG DE CAMPOS, Luciene. Montagens discursivas em psicanálise: resistência e estranhamento na escrita em primeira pessoa. *In*: MARTIN, Eden Viana; JOBIM, José Luís; BOGANIK, Luciane; FERREIRA, Maria da Conceição Coelho; GARCIA, Nabil Araújo Mireille (org.). **Perspectivas interculturais**: discurso,



linguagem e poder. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima; Niterói, RJ: Eduff, 2024. p. 430-444. Disponível em: <https://www.edicoesmakunaima.com.br/2024/10/25/perspectivas-interculturais-discurso-linguagem-e-poder/>.

MANIFESTO!!! teaser [S. l.: s. n.]. 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Casa de Zuleika. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9kASMNmWSU>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, [1848] 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, [1975] 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, [1983] 2008.

PEQUENOS ATOS PARA SOBREVIVÊNCIA, Manifesto do invisível (trecho do pequeno ato 3). [S. l.: s. n.]. 2018. 1 vídeo (1 min). Publicado no blog Estela Lapponi trabalhos artísticos. Disponível em: <https://estelapponi.blogspot.com/2018/12/pequenos-atos-para-sobrevivencia.html>. Acesso em: 14 mar. 2025.

RETELATTO, Mônica. **Da Borda de uma Escrita Alterada**: o corte na rota turística. 2019. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade da Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6727>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RETELATTO, Mônica. **Em possíveis (des)rotas**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SANTOS, Eli. Manifesto: um gênero para o exercício da cidadania. In: Regina Lúcia P. Dell'Isola (org.). **Nos domínios dos Gêneros Textuais** - v. 1. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **A estética da experiência**: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos. 2016. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.